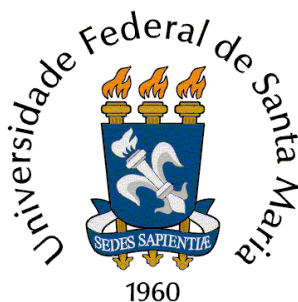


**UFSM – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO**

**A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ORIENTAÇÃO ESCOLAR EM  
RELAÇÃO À PREVENÇÃO DA INDISCIPLINA NO PROCESSO EDUCACIONAL,  
NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE TUNAS-RS**

**NADIANE CRISTINA DEMICHEI KIRALY**

**TUNAS-RS**

**2011**

**GPM EAD – UFSM, RS**

**KIRALY, Nadiane Cristina Demiquei**

**Especialização 2011**

NADIANE CRISTINA DEMICHEI KIRALY

**A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ORIENTAÇÃO ESCOLAR EM  
RELAÇÃO À PREVENÇÃO DA INDISCIPLINA NO PROCESSO EDUCACIONAL,  
NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE TUNAS-RS**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Gestão Pública Municipal , modalidade à distância da Universidade Federal de Santa Maria por solicitação da Disciplina de Metodologia Científica e tendo como Prof<sup>a</sup> orientador Adayr da Silva Ilha.

TUNAS-RS

2011

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a atuação do profissional de orientação escolar em relação a prevenção da indisciplina no processo educacional. A modalidade de pesquisa utilizada foi bibliográfica do tipo descritivo e pesquisa de campo com entrevistas. A partir da teoria é que o trabalho é fundamentado, o orientador é focado como um elemento atuante, dinâmico, inovador, crítico e cultivador de valores, de ordem, de responsabilidade, político, com visão do passado, batalhador do presente e norteador do futuro, dentro desta dimensão a atuação do orientador não pode ser visto como algo pronto, mas em constante busca, vista como mediadora num processo participativo. A temática proposta aparece de forma conflitante, uma vez que a participação envolve relacionamento humano, diálogo, comprometimento. Na conclusão deste estudo evidenciou-se que o orientador deva ser aquela pessoa que sabe ver além das evidências do cotidiano, como um desafio, que está aberto a todos que acreditam na possibilidade de transformação, acreditando que não somos donos do fim da natureza e da história, porém sabemos que a essência é a transformação e que o nosso pensamento e ação se alimentam desse enigma.

Palavras chaves: Orientador, educação, intervenção, indisciplina.

## **ABSTRACT**

This study aimed to analyze the performance of professional school guidance regarding the prevention of indiscipline in the educational process, the research method used was the descriptive literature and field research with interviews. From the theory is that the work is founded, the supervisor is focused as an actuating element, dynamic, innovative, critical and grower values, order, responsibility, political, in view of the past, present and guiding the fighter of the future within this size the performance of the mentor can not be seen as something done, but in constant search, seen as a mediator in a participatory process. The proposed theme appears so conflicting, since participation involves human relationships, dialogue and compromise. At the conclusion of this study showed that the advisor must be a person who knows how to see beyond the evidence of everyday life as a challenge, which is open to all who believe in the possibility of transformation, believing that we are not masters of the order of nature and history, but we know that the essence is the transformation and that our thought and action feed this puzzle.

Keywords: Supervisor, education, intervention, indiscipline.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Frequência de atuação dos orientadores em escolas .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 2 – Localização da escola.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 3 – Existência ou não de casos de indisciplina com escolares de 5ª a 8ª séries.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 4 – O trabalho da orientação escolar é realizado de maneira conjunta com os docentes para que auxilie o processo ensino-aprendizagem dos alunos.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 5 – Na opinião dos próprios orientadores, estão cumprindo o papel de orientação educacional nas escolas.....</b>	<b>30</b>

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO I – ENTREVISTA COM SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO II – QUESTIONÁRIO PARA ORIENTADORES EDUCACIONAIS.....</b>	<b>37</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2 FATORES DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO INFANTIL.....</b>	<b>10</b>
2.1 A criança agressiva .....	13
2.2 O bullying .....	16
<b>3 O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL .....</b>	<b>18</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>26</b>
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O espaço escolar, como instituição social educativa, vem sendo questionada acerca do seu papel, frente às transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. Para Libâneo (2008, p. 51), estas transformações decorrem, sobretudo, dos avanços tecnológicos, da compreensão do papel do Estado, das modificações operadas na organização do trabalho e nos hábitos de consumo. Esse conjunto de transformações é chamado globalização.

O discurso educacional durante as últimas décadas incorporou muitos avanços, modificou conceitos e cada vez mais vem sendo debatidas questões a seu respeito. É nesse contexto que a indisciplina escolar tornou-se uma das preocupações entre os profissionais da educação e comunidade escolar, sendo considerado um dos principais problemas da escola atual.

Na busca de realizar mudanças fundamentais no sistema educacional e com objetivos de superação entre o fazer e o pensar, propõem-se metas inovadoras para a gestão escolar. Segundo Urbanetz e Silva (2008, p.47), é importante destacar que a realidade criou a demanda por um profissional organizador do processo educativo (profissional de orientação). A consciência da realidade é essencial para o entendimento das determinações de nossa sociedade, dando ênfase à necessidade de articulação permanente com a realidade, que pela ação humana incorporam transformações que aparecem também nas diversas atividades profissionais.

A escola, em todos os tempos, e em todas as sociedades, seja qual for o sistema político, sempre teve uma função muito clara – a de transmitir para as novas gerações o conhecimento acumulado pelas gerações que as antecederam. A questão central da escola é a sociedade do conhecimento.

Na opinião de Alves e Garcia (2009), esta escola, para inserir-se no processo global de transformação, há de se transformar inteiramente. Não mais o professor que sabe e que fala o seu saber e o aluno que não sabe e que é impedido de falar do que sabe e do que quer saber. Não mais os especialistas, orientadores educacionais, supervisores escolares e diretor que sabem mais e usam o poder de seu saber sobre o professor que sabe menos e obedece aos que mais sabem.



A escola transforma-se, quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem-voz se fazem ouvir, revertendo a hierarquia do sistema autoritário. Esta escola recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes menos favorecidas para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional, a especialidade no campo.

O procedimento utilizado nesta pesquisa que tem como objetivo geral analisar e compreender como está sendo tratada a questão da indisciplina e violência dentro da escola pela perspectiva de alunos e corpo docente da mesma, se caracteriza através de um estudo descritivo-exploratório, que, segundo Mattos, Rosseto Jr. E Blecher (2004), tem como características observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los procurando descobrir com precisão a frequência em que o fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores.

Tendo como base o referencial teórico, foram elaborados dois questionários com perguntas ordenadas objetivando compreender a opinião de alunos e verificar a atuação do profissional de Orientação Escolar em relação à prevenção da indisciplina no processo educacional, na rede municipal de ensino no município de Tunas-RS.

Para que as informações obtidas com os questionários tivessem condições de agregar valor para o trabalho, o projeto contou com pesquisas secundárias, de valor científico, ou seja, pesquisas bibliográficas. Foram as informações obtidas nos referenciais teóricos que orientaram o trabalho. Portanto, as referências teóricas serviram de base para o estudo, assim, as informações obtidas através da análise do questionário foram assimiladas de acordo com as referências, dessa forma, a teoria e a prática estão aqui presentes.

Como problemática dessa pesquisa busca-se responder qual é o papel da escola e do cidadão frente à violência e indisciplina na escola, assim como busca-se compreender quais os aspectos que envolvem a segurança individual da nossa comunidade escolar.

Quanto a estrutura desse trabalho, além dessa introdução, a monografia tem mais cinco capítulos, dois apresentam os fatores determinantes do comportamento

infantil. No capítulo quatro apresenta-se a análise e discussão dos resultados levantados através da ferramenta de pesquisa (questionário) Por fim, o estudo trás as considerações finais do autor e as referências utilizadas para fundamentação do mesmo.

Sabe-se que é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, o ambiente em que esta criança está inserida, pois ao estabelecer relações com as pessoas que a rodeia, a criança está formando a sua qualidade de vida social, moral, psicológica e cultural.

De acordo com Rosado (2005), desde criança, o ser humano convive com inúmeras situações e experiências que auxiliam na formação da personalidade e do caráter e podem se manifestar significativamente no seu comportamento, pois, temos muitas motivações e emoções embutidas, e tantas formas de perceber e responder ao ambiente em que estamos inseridos.

O crescimento de cada indivíduo passa inevitavelmente pela infância. Ninguém se torna adulto sem antes ter provado as maravilhas e os medos da puerilidade. São estas situações que contribuem com o nosso pleno desenvolvimento.

O direito de brincar, por suas características e dinamismo, é tão importante quanto qualquer outra prioridade dispensada a criança. Sendo assim, requer que as famílias e a sociedade entendam que o momento do brincar é indispensável na vida desses indivíduos, pois as brincadeiras de faz-de-conta se traduzem em crescimento individual, estimulando o público infantil a vencer as barreiras que estão por vir, tornando-os cidadãos íntegros e completos para a vida em sociedade (ROSADO, 2005, p.42).

Silveira (2005) diz que a violência, presente na sociedade, chegou às escolas. Tornou-se evidente pelas atitudes de indisciplina e rebeldia dos alunos; pela não observância de limites; por atos cometidos de depredação e destruição dos espaços escolares e por arrombamentos e furtos de material pedagógico e equipamentos; pelo desrespeito com que tratam as pessoas, independentemente da idade das mesmas; pelo desinteresse em relação aos estudos, evidenciado por altos índices de repetência e evasão. E, também, pela falta de preparo dos gestores, professores e funcionários para tratarem adequadamente esses problemas. Além disso, todas as instituições, e a escola não é precisamente uma exceção, caracterizam-se por viver diversos tipos de conflito, de natureza distinta e de intensidade diversa. Com base nisso, Galvão (2004) alerta que as pessoas passam a compreender a violência e os conflitos como fatores constitutivos da vida social, sendo, portanto necessário

promover transformações para que esses fatores sejam princípios regentes de todas as relações humanas e sociais.

Quando observamos crianças em diferentes idades movimentando-se, percebemos que seus comportamentos não são semelhantes. As pessoas, independente da idade, se comportam de forma diferente, em contextos sociais diferentes. A socialização é um tipo específico de interação, que molda a natureza da personalidade humana e, por sua vez, o comportamento humano. Na infância, as crianças se tornam parecidas em alguns aspectos e diferentes em outros e tentam parecer com alguns colegas e competir com eles (SILVEIRA, 2004).

Todos, de vez em quando, encontramos uma frustração, um obstáculo que interfere na realização de um objetivo desejado. A frustração pode ser considerada como uma variável situacional, e as reações a ela têm sido estudadas extensivamente, tanto em situações experimentais quanto em ambientes naturais. Uma das reações mais comuns à agressão é a frustração. De acordo com Silveira (2004) nas séries iniciais, por exemplo, os conflitos agressivos entre as crianças aumentam quando o espaço de brinquedo é limitado e quando, conseqüentemente, há mais frustrações e interferências.

Muitos motivos podem levar um aluno a não se comportar de forma adequada em atividades que necessitem de uma integração funcional com outras pessoas. Entre os quais Tiba (1996) cita:

Distúrbio de ordem pessoal: psiquiátricos; neurológicos; deficiência mental; distúrbios de personalidade; distúrbios neuróticos; etapas do desenvolvimento: confusão pubertária; onipotência pubertária; estirão; menarca/ mutação; onipotência juvenil; síndrome da quinta série; distúrbios mormóticos; distúrbios leves de comportamento; uso e abuso de drogas. Distúrbios relacionais: educativos; entre os próprios colegas; por influência de amigos; distorções de auto-estima (TIBA, 1996, p.137).

Salgado (2009) esclarece ainda que independente do grau de motivação que a atividade desperta, ela não dá atenção às regras em brincadeiras e jogos, tem dificuldade para brincar ou se envolver silenciosamente em atividades de lazer, não é capaz de ficar por muito tempo à frente de computadores, agita mãos ou pés ou se remexe na cadeira, abandona sua cadeira em sala de aula ou outras situações

nas quais se espera que permaneça sentada, corre em demasia em situações impróprias.

De acordo com Tiba (1996)

na presença de distúrbios psiquiátricos, os comportamentos provêm de uma psicose (maníaco-depressiva, esquizofrenia, etc) e independem do meio. O psicótico elabora qualquer estímulo recebido conforme sua patologia e reage de maneira inadequada. Por exemplo: se o professor pede silêncio a classe toda, o psicótico interpreta e reage. Os maníacos não conseguem ficar em silêncio porque estão submetidos a uma agitação psicomotora que não tem como ser controlada (TIBA, 1996, p. 138)

Tais distúrbios decorrem de alterações incontroláveis. São mais fortes que as normas ditadas pelo meio ambiente. Surgem de modo abrupto ou insidioso, em qualquer lugar e de maneira inesperada, transformando totalmente a personalidade da pessoa afetada e surpreendendo as demais (DELDIME e VERMEULEN, 2001, p.34).

O próprio sujeito não consegue avaliar as dimensões de sua inadequação. Pelo contrário, tem plena convicção de que está absolutamente certo. O melhor é encaminhar o problema a orientação ou a direção da escola para que a família seja convocada e esclarecida quanto a necessidade de um tratamento psiquiátrico para aquele aluno (DELDIME e VERMEULEN, 2001, p.34).

Entretanto, de acordo com Deldime e Vermeulen (2001), existem diferenças entre a agitação natural de alunos, entre comportamentos gerados por extrema ansiedade devido à interferência do emocional e o transtorno de déficit de atenção ou até mesmo outros distúrbios neurológicos mais graves.

Segundo Salgado (2009), antes de "fechar" um diagnóstico, é muito importante que a escola, ao ter um contato com os pais, tente conhecer como a criança está vivendo neste momento, junto ao seu núcleo familiar, pois sintomas de desatenção e hiperatividade ansiosa podem ser considerados normais em crianças que acabaram de passar por situações traumáticas, como a perda de uma pessoa querida, separações, mudanças de "status"econômico. Nesses casos, em geral, as manifestações são passageiras. O que os diferencia do transtorno de déficit de atenção é a duração do problema.

Portanto, é importante que se tenha uma atenção especial aos diversos ambientes de que a criança faz parte, seja no espaço da escola, ou nas relações familiares e sociais, para que se garanta um desenvolvimento saudável desta em todos os aspectos.

## **2.1 A criança agressiva**

Como entender o porque de algumas crianças serem extremamente agressivas, enquanto outras apresentam um comportamento dócil. Seria a agressividade um fator determinado pelos traços de cada personalidade ou pela forma que a criança é criada e educada.

Na opinião de Silveira (2004), a agressividade é um fator participante no processo de formação e crescimento da criança, onde se utiliza dele como forma de reagir frente às diversas situações conflitantes. Podemos notar suas raízes desde o início das relações das crianças ainda na educação infantil.

“A agressão na verdade é a forma mais rápida que as crianças encontram para resolver um conflito” (SILVEIRA, 2004, p. 16). Segundo a autora, é na escola que costumamos conviver, mais freqüentemente, com a agressividade infantil.

Conforme Silveira (2004), esse comportamento geralmente começa na infância e tem relação, principalmente com as relações familiares e com o ambiente social em que a criança convive. Conforme a criança cresce, sua agressividade poderá diminuir ou aumentar, dependendo de como o problema for administrado pela família e escola.

são dois os papéis da escola quando se trata do envolvimento da criança num ato de agressividade. O primeiro é de caráter preventivo, com a promoção de uma cultura de paz e tolerância, por meio de uma sólida formação para os valores. O segundo é acolher essa criança ou adolescente com conduta agressiva. A atitude básica da escola nesse caso deve ser de inclusão (DELDIME e VERMEULEN, 2001, p.141).

Para Silveira (2004), a educação é um direito de todos, sem exceção, e a criança que tenha conflitos não pode ser excluído. Os educadores precisam estar

preparados para acolher o aluno e sua realidade familiar, comunitária ou cultural. Hoje, infelizmente, a regra geral é eliminar o problema para exclusão da criança.

Nessa perspectiva, Deldime e Vermeulen (2001, p.142) citam que os educadores são preparados para lidar com crianças que não apresentam problemas de agressividade. Se olharmos para a realidade atual, no entanto, percebemos claramente que crianças e adolescentes em situação de risco fazem parte da clientela da educação. Professores, diretores, supervisores e orientadores não recebem capacitação específica para lidar com esse contexto.

As situações de agressão entre alunos são agravadas no recreio, quando a vigilância do professor não se faz presente. Na verdade, "nossas escolas podem se constituir em espaços onde a cultura e as experiências dos alunos e dos professores (seus modos de sentir e ver o mundo, seus sonhos, desejos, valores e necessidades) sejam os pontos basilares para a efetivação de uma educação que concretize um projeto de emancipação dos indivíduos". A conquista da cidadania e de uma escola de qualidade é projeto comum, sendo que no seu caminho, haverá tanto problemas de indisciplina como de ato infracional. Enfrentá-los e superá-los é o nosso grande desafio (FANTE, 2003).

Na opinião de Deldime e Vermeulen (2001, p.144), conhecer o culpado por uma agressão não resolve o problema. É preciso ter tato para encaminhar a conversa com ele. Se o professor souber quem é o autor, deve pedir que ele mesmo revele sua culpa, em particular. O próprio ato de assumir o erro já é um castigo e demonstra arrependimento. Raramente um aluno que se denuncia volta a cometer a mesma falta. Esclarecido o ocorrido, os educadores devem levar o aluno a entender que qualquer agressão, mesmo que praticado como uma brincadeira de mau gosto, é uma coisa séria que não pode voltar a acontecer. O que hoje foi brincadeira, amanhã pode se tornar um hábito se a escola não intervir. A principal meta é fazer o autor da agressão se colocar no lugar da vítima e entender que seus atos repercutem na vida das pessoas. O desconforto em relação ao assunto é fácil de entender. Trazer os temas do medo e da agressividade para a sala de aula não parece combinar com o papel construtivo e pacificador que o universo escolar, com razão, costuma chamar para si.

Fante (2003) alerta que é comum às escolas reproduzirem os estigmas e as discriminações sofridas pelos alunos fora delas. Pior ainda, ao falhar na função de ensinar, elas afastam as crianças e cometem uma das mais nocivas formas de violência. O espaço escolar acaba habitado por pessoas que se desconhecem e, portanto, se temem.

a agressividade das crianças que tanto perturba as escolas assume formas variadas. Pode ser tão sutil como uma obrigação esquecida ou tão grosseira quanto o ataque físico direto. Dado sua face prismática e o fato de ser ela tão perturbadora para quem é chamado a resolvê-la, pouco se humanos é considerada impulso instintivo. Está presente na forma mais alta de vida bem como nas formas inferiores, portanto, não há descontinuidade básica na evolução dos organismos vivos (DELDIME e VERMEULEN, 2001, p.145).

Como a agressividade é inerente ao ser humano, ela tem conotações construtivas e destruidoras. Ao mesmo tempo em que pode interferir nas relações entre pessoas e prejudicar a capacidade do indivíduo para cuidar de várias tarefas, pode, também, servir para aumentar todas as facetas da vida. Quase sempre não se percebe que a agressividade é fundamental, praticamente a todas as atividades, há freqüentemente, apenas consciência das qualidades destruidoras desse impulso (FANTE, 2003).

Tiba (1996) ressalta que a agressividade não precisa assumir forma de desafio, de franco ressentimento ou de ataque físico ou por meio de palavras; pode ser justamente aguda, na forma de virtude de livre iniciativa, que é a concorrência. Na escola, a concorrência pode visar as notas, a popularidade, a aparência ou a força física e as habilidades. Do mesmo modo que a agressividade pode ser concomitante à aprendizagem, servindo como impulso para a assimilação de informações e habilidades, pode também ser a causa de completa incapacidade para aprender.

Há etapas do desenvolvimento em que o corpo se torna muito suscetível. Qualquer esbarrão pode ser entendido como provocação irresistível e culminar em uma briga. Enquanto a briga se mantiver no plano verbal, geralmente os envolvidos ainda conseguem ouvir alguém que procure acalmá-los. Uma vez no plano físico, pouco adianta falar ou gritar com eles. Muitas vezes é preciso intrometer-se fisicamente para separar os alunos que estão brigando. Corpo atende ao corpo, não à voz. Os meios empregados para afastar os dois contendores têm menor importância que o resultado que se pretende obter: apaziguar os ânimos, desde que ninguém saia ferido, é lógico (TIBA, 1996, p. 153).



Portanto, diante dessa situação, é importante que se esteja alerta para que haja uma intervenção precoce, muito mais efetiva, intervindo logo que observar que a criança esteja se alterando com facilidade.

## **2.2 Bullying**

A rotina sofre inúmeros desafios na rotina escolar, entre eles o *bullying*. Comportamento esse, até pouco tempo considerado inofensivo, mas que já é sabido que pode acarretar sérias consequências ao desenvolvimento do aluno.

*Bullying*, palavra inglesa para definir a forma intencional de maltratar uma outra pessoa. Vivemos tempos de seguranças e câmeras espalhadas por ambientes fechados como as escolas. Uma sociedade que tem vulgarizado as múltiplas formas de violência velada, escondida, quase nunca flagrada por essa segurança que amedronta e não soluciona o que se passa nos pares. A pequena sociedade humana chamada sala de aula escancara a banalização e a barbárie (BARCELLOS, 2008).

O *Bullying* tem motivado pesquisadores e educadores de todos os tipos a estudar as causas que motivam a banalização humana e a perda do significado da palavra respeito no trato entre pares. Relatos trágicos e que merecem uma análise profunda de todos os que acreditam na convivência e na aceitação da diversidade. Ridicularizados, humilhados e abandonados pelas instituições, crianças e adolescentes usam suas armas para se protegerem daquilo que consideram a suprema humilhação (VEIGA, 1992).

Fante (1999) faz com que imaginemos uma criança gorda passando dez anos sendo desrespeitada por seus colegas em função do peso; aquele garoto que usa óculos que passou parte de sua vida escolar chamado de fundo de garrafa; o menino que, para ser aceito no grupo, “precisou” assumir que ele era o homossexual da turma, negando uma sexualidade que apenas estava se afirmando.

Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em consequência do *Bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intrapsíquicas, com sintomatologias de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaléia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamento de vingança e de suicídio, bem como reações extrapsíquicas, expressa por agressividade,

impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (FANTE, 1999, p.36).

Fante (1999) acrescenta ainda que o *Bullying* não escolhe classe social, grau de cultura, conta bancária, tipo de carro... vítimas e agressores esperam adultos centrados e instituições cidadãs.

Quando educamos para que prevaleça a lei do mais forte, ou quando reforçamos o poder da cultura masculina, estamos legitimando que as diferenças na forma como educamos meninas e meninos precisam ser diferentes. Os homens precisam ser fortes e as mulheres frágeis. Parece que uma das causas da existência da conduta *Bullying* está exatamente no reforço que na infância damos a essas condutas por acharmos interessantes, mas que depois dão origem a condutas marginais, violentas. Condutas que condizem às drogas e a todas as suas variáveis (BARCELLOS, 2008).

Um outro aspecto a ser considerado é o grande crescimento entre as meninas desse tipo de comportamento. Segundo Fante (1999), isso se justifica em razão de que:

As meninas estão copiando as condutas agressivas dos meninos, inclusive fazendo uso de maus-tratos físicos como forma de demonstrar poder em seus grupos sociais, principalmente na escola. Comprovando essa tendência, o uso da internet e de celulares vem aumentando e facilitando a perseguição entre as meninas (FANTE, 1999, p.38).

Educar para o individualismo é uma tarefa que não exige criatividade. Basta repetir modelos autoritários e conservadores. Basta repetir estratégias que favoreçam o medo e o comodismo. O risco dessa opção é favorecermos o surgimento cada vez mais crescente dos cenários que contribuem para que o *“Bullying”* se instale em nossas casas e escolas (VEIGA, 1992).

Diante disso, percebe-se que esse tipo de violência, como o *“Bullying”* tem sido cada vez mais noticiado e é preciso que pais e educadores estejam atentos para sejam evitadas consequências desastrosas como muitas visto.

### 3 O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

A orientação educacional tem como principal propósito, acompanhar o desenvolvimento do aluno em todos os seus aspectos. O profissional atuante é um dos profissionais da equipe de gestão.

A orientação educacional numa evolução histórica, caracterizou-se por três tipos de atuação. A princípio ela foi corretiva, depois tornou-se preventiva e hoje ela é desenvolvimentista, ou seja, procura ajudar os indivíduos a se desenvolverem. Atualmente, o serviço de orientação constitui uma modalidade do processo educativo geral que, como este, objetiva facilitar o desenvolvimento integral do educando (RIBEIRO, ANDRADE e PINTO, 1984, p.39).

Segundo Santos (1986), a orientação Educacional era vista mais como uma Orientação Vocacional e Profissional, e teria um papel importante a desempenhar. A ABE ofereceu curso de extensão sobre Orientação Educacional aberto a professores interessados em prestar serviços de Orientação Educacional em suas escolas, pois no contexto político, era necessário para o ajustamento do indivíduo às necessidades de ordem social.

Silva (2009, p.70) reforça que:

o enfoque da orientação educacional tem mudado no decorrer de sua história, no início com vistas à profissionalização, passando por várias abordagens e possibilidades diagnósticas com ações interventivas. Hoje, após várias reflexões, estamos caminhando para um conceito menos clínico-terapêutico e mais social. O orientador com uma visão mais ampla e sistêmica dos problemas sociais e da violência lança seu olhar sobre o todo: a família, sala de aula e sociedade: age no sentido de ajustar as suas práticas na prevenção, distancia-se do imediatismo e dos “incêndios” do dia-a-dia na escola.

Conforme Santos (1986), em 1946, quando é votada nova constituição, o nacionalismo e o populismo caracterizavam a vida política e a Orientação Educacional já se movimentava em torno de uma nova identidade. É organizado o *Simpósio* em nível nacional com a colaboração do MEC (Ministério da Educação e Cultura) e do CADES (Campanha de Difusão e Aperfeiçoamento do Ensino Secundário). Os dirigentes eram, em sua maioria, religiosos e foram escolhidos pelo MEC. Essa função surgiu como mais uma das propostas de inovação educacional,

que serviria para analisar as aptidões e adaptação do aluno à escola. Sendo assim, a Orientação Educacional seria mais uma Orientação Profissional com bases científicas e técnicas para ajustar aluno a uma plena realização vocacional, com métodos de aconselhamento, atendimento individualizado e coletivo, psicologizante, tentando fazer uma articulação entre a escola e a família.

Segundo Grinspun (2001), a Orientação Educacional legitimou-se pela obrigatoriedade com a LDB 5.692/71, que complementa a lei 5.540/68, surgindo com a finalidade de qualificar para o trabalho, através da profissionalização, com sondagens no 1º grau e habilitações profissionais no 2º grau.

Santos (1986) afirma que o fato da LDB 5.692/71 garantir a obrigatoriedade da Orientação Educacional, não garantia a sua implantação nas escolas, o que fez com que esse movimento da categoria não perdesse tempo quanto a conquista deste lugar no sistema educacional.

Grinspun (2006) enfatiza que foi através das *Leis Orgânicas do Ensino*, que se fez necessário o orientador pedagógico, pois, esse profissional assumira funções de caráter terapêutico, preventivo, psicometrista, identificando dons, aptidões e inclinações dos indivíduos.

Grinspun (2006) afirma que foi através dessa *Lei de Diretrizes e Bases* que o Orientador ganhou *status* de Orientador Educativo e Vocacional, identificando aptidões individuais, estendendo à todos os alunos, utilizando-se de todos os elementos da escola para desenvolverem esse trabalho. Ao Orientador Educacional caberia a orientação escolar, psicológica, profissional da saúde, recreativa, familiar.

Origina-se aí uma nova visão de orientação educacional:

A orientação, hoje, está mobilizada com outros fatores que não apenas e unicamente cuidar e ajudar os 'alunos com problemas'. Há, portanto, necessidade de nos inserirmos em uma nova abordagem de Orientação, voltada para a 'construção' de um cidadão que esteja mais comprometido com seu tempo e sua gente. Desloca-se, significativamente, o 'onde chegar', neste momento da Orientação Educacional, em termos do trabalho com os alunos. Pretende-se trabalhar com o aluno no desenvolvimento do seu processo de cidadania, trabalhando a subjetividade e a intersubjetividade, obtidas através do diálogo nas relações estabelecidas (GRINSPUN, 1994, p. 13).

Grinspun (2001) afirma que toda a prática da orientação está debruçada nesta concepção de educação, como um ato político, como instituição que está intrinsecamente relacionada com as mudanças ocorridas no núcleo da sociedade.

Diz Knapp (1970, p.3) que:

a orientação é um processo que ajuda cada criança a descobrir e desenvolver suas potencialidades. Portanto, a orientação deveria se preocupar com os aspectos positivos do desenvolvimento da personalidade e em promover a boa saúde mental entre todas as crianças.

Conforme Grinspun (2001), a Orientação Educacional, na atualidade, caminha na busca da totalidade do aluno, preocupando-se com a ampliação do conhecimento do educando como pessoa, construindo sua personalidade e participando consciente e ativamente de sua própria história de vida, valorizando a realidade de cada aluno.

Para Ribeiro, Andrade e Pinto (1984), a orientação, parte integrante do processo educacional, é considerada como uma ação a ser desenvolvida no contexto escolar, estando o papel do orientador intimamente relacionado com a escola, vista como comunidade planejada para facilitar aprendizagens significativas. Desta forma, o orientador educacional deverá favorecer relações não só com os seus orientandos, mas com todos os agentes educativos.

Segundo Loffredi (1976, p.25), a orientação educacional como desenvolvimento das relações interpessoais define-se como uma ação no sentido de mobilizar os agentes educativos de forma que cada um, dentro de suas limitações, possa desenvolver relações significativas, com o objetivo de criar um clima educativo que favoreça o processo de aprendizagem-maturação. O orientador deverá estar atento às etapas do desenvolvimento dos alunos, para que possa, juntamente com a equipe escolar, planejar atividades nas quais o aluno viva experiências que o levem a se desenvolver mais plenamente.

Nérici (1976, p.74) observa que a:

orientação educacional deve desenvolver junto ao educando um trabalho de adaptação do mesmo ao ambiente e à vida escolar. É sua tarefa, também, desenvolver atitude de otimismo e admiração com relação ao mundo que os rodeia. Deve dirigir as vistas dos educandos para os horizontes do mundo, para que

descubram, com encanto, o próximo, em movimento de distanciamento dos dois centros que são o lar e a escola.

A orientação educacional ajudando a alargar os horizontes do educando, tanto do mundo físico como do social e cultural, deverá fazê-lo com otimismo, confiança e positividade.

Balestro (2005, p. 21) concorda que:

a visão de orientação de que dispomos hoje deixa para trás as funções desempenhadas por esse profissional no passado e que nem sempre colaboravam com o processo educativo. Não se trata mais de "apagar o fogo", como, historicamente, fazia o orientador educacional, chamado nas ocasiões em que havia problema a ser solucionado ou para abafar os casos de indisciplina. Nem inspetor de alunos, nem psicólogo. Hoje, além de conhecer o contexto socioeconômico e cultural da comunidade, bem como a realidade social mais ampla, o orientador educacional pode ser um profissional da educação encarregado de desvelar as forças e contradições presentes no cotidiano escolar e que podem interferir na aprendizagem. A prática dos orientadores deve estar vinculada às questões pedagógicas e ao compromisso ético de contribuir na construção de uma escola democrática, reflexiva e cidadã.

Outra tarefa é propiciar atividades que favoreçam a socialização, a confiança em si e nos outros, a iniciativa e a criatividade dos educandos. Enfim, o profissional atuante na área de orientação educacional, deve ter a responsabilidade da formação permanente e integral do aluno.

Acredita-se que princípios e o caráter de uma pessoa começa a se formar desde a mais tenra idade, levando-se em consideração valores dados pela família, sociedade e escola.

De acordo com Mussen (1995), grande parte da socialização acontece através da observação e da imitação, bem como através da recompensa e da punição. As condutas agressivas podem aparecer em vários contextos: na família, entre os amigos e na escola. No âmbito escola, este fenômeno tem vindo proceder a uma reflexão sobre as práticas educativas e o rendimento escolar, sobre o próprio sistema educativo e o papel das escolas na sociedade. A educação e a cultura deveriam tender a eliminar as formas agressivas de resolução de tensões que provocam as indiferenças individuais. A educação deveria valorizar e promover os comportamentos de empatia, a negociação verbal, o intercâmbio de idéias, a

cedência de ambas as partes na procura de justiça, no direito à igualdade de oportunidades para todos e no direito a diferença de cada um. Educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um terminam onde começam os direitos dos outros (PEREIRA, 2002).

O exercício da prática cotidiana dos profissionais da orientação educacional com as questões sociais que adentram a escola possibilita a obtenção de um acúmulo de experiência, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro (GOHN, 1999). Aprendem a não ter medo do que lhe foi inculcado como proibido e inacessível. Aprendem a decodificar o porquê das restrições e privações. Aprendem a acreditar no poder de fala e das idéias quando expressas em lugares e ocasiões adequadas. Aprendem a calar-se e a se resignar quando a situação é adversa. Aprendem a elaborar discursos e práticas segundo os cenários vivenciados. E aprendem, sobretudo, a não abrir mão de princípios que balizam determinados interesses como seus. Ou seja, elaboram estratégias de conformismo e resistência, passividade e rebelião, segundo os agentes com os quais se defrontam.

Lück (1999, p.7):

a escola, como um sistema social, se compõe de um conjunto de funções, todas elas mais ou menos inter-relacionadas e todas elas interinfluentes, de sorte que a maneira como são conduzidas as ações em uma determinada área afetam, de alguma forma, as ações de outra área. Dessa interinfluência nem sempre se tem consciência e, portanto, nem sempre se age de maneira a somar esforços, de acordo com um ponto de vista e objetivos comuns. As conseqüências nesse caso, são sempre negativas.

Lück (1999, p.9) afirma que o profissional da Pedagogia/Orientação Educacional, como qualquer outro profissional, atua dentro de um contexto sócio-político e científico. Na busca de um senso crítico frente a sua atuação, está sempre presente a busca da reflexão a respeito de sua práxis para, assim, encontrar outros sentidos, outras formas de ação. Nesse percurso percebe que para a solução de muitas questões que surgem em seu cotidiano, é necessária a co-construção de uma experiência coletiva que traga alternativas de transformação para a realidade.

De acordo com Garcia (1999, p.36) no caso da violência escolar o pedagogo orientador educacional encaminha as soluções para os problemas que se apresentam em seu cotidiano por meio de uma rede social, porque não se coloca como o único que pode pesquisar possíveis soluções, ele tece um envolvimento com os familiares, os professores, as áreas de saúde, o serviço social, o judiciário, os conselhos tutelares, a vara de infância, as universidades etc. Isto resulta do seu aprendizado já que como profissional, sozinho não é capaz de compreender a complexidade do que acontece no cotidiano de uma escola, assim como nenhum outro profissional desta escola ou fora dela é capaz de tal tarefa só com a visão de sua área.

Segundo Garcia (1999, p.42)

Na complexidade de uma escola aqueles que se apresentam como portadores da verdade e das soluções! Ou, que pensam nunca errar e, que por isso não serão julgados, ou avaliados como eles mesmos gostam tanto de dizer, sem se incluírem no processo! Na realidade escondem por trás disso um desejo de onipotência, um grande corporativismo e muito medo.

Na escola, a violência não é vivida, muitas vezes, como um ato de agressividade, e sim como o modo habitual e cotidiano de ser tratado e de tratar o outro. O fenômeno passa a ser institucionalizado, comum, banalizado, como a violência que entra no nosso cotidiano (ABRAMOVAY, 2004).

Para Santos (2009), sem dúvida, o tema indisciplina é vasto e complexo de se argumentar. Vemos que nos últimos anos vem se discutindo e ressaltando muito a questão disciplinar nas escolas, professores que não se sentem a vontade com os alunos e a crescente falta de respeito dos mesmos, mas o fato que permeia a discussão é o questionamento de onde origina-se esse comportamento.

Santos (2009) enfatiza que ao questionarmos o papel do serviço de orientação educacional face à violência na realidade escolar, ainda vemos sua atuação sendo categorizada como secundária, considerando que muitas instituições designam à direção e supervisão o “cumprimento” da disciplina. Com uma visão errônea sobre a atuação do orientador, ainda hoje, figura-se apontamentos como sendo o SOE responsável por lidar e encaminhar os alunos problemas, deturpando assim sua importância social e no processo pedagógico.



Rego (1996, p.85) observa que:

Costuma-se compreender a indisciplina, manifesta por um indivíduo ou grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “falta de educação ou respeito pelas autoridades”, na bagunça ou agitação motora. Como uma espécie de incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperado. A disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. nessa visão, as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo, é curioso observar que, nessa perspectiva, qualquer manifestação de inquietação, questionamento, discordância, conversa ou desatenção por parte dos alunos é entendida como indisciplina, já que se busca obter a tranquilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nada nelas nem fora delas que as possa distrair.

Santos (2009) observa ainda que contraditório às considerações anteriores, porém assertivo, é o conceito que se faz da atuação do orientador educacional relacionada aos casos de indisciplina, que imprime ao SOE um papel distinto, participativo e dinâmico, reconhecendo o trabalho desse profissional conjunto à esfera escolar. Primordialmente, o orientador educacional estabelece uma relação dialógica com a comunidade escolar, podendo então, desenvolver ações preventivas na tocante construção disciplinar.

Segundo Silva (2009), no caso do “Bullying”, a orientação educacional atua conjuntamente com o pedagógico e famílias, sempre levando em consideração que sanções e limites não são suficientes, ou mesmo a identificação das causas do baixo rendimento escolar e encaminhamentos para áreas afins: a violência vai além de tudo isso, enfraquece, desestimula, entristece. O orientador deve desenvolver projetos que visem à mudança de paradigmas, trabalhar no sentido de formar, informar, valorizar os atos de respeito ao próximo, a elevação da auto-estima e do amor. É preciso fortalecer as relações e os vínculos de afeto na escola e família, mesmo que algumas delas não sejam a que idealizamos.

Na perspectiva de Rego (1996, p.87):

um aspecto capaz de influenciar significativamente o processo educativo desenvolvido na instituição escolar diz respeito à visão dos diferentes elementos da comunidade escolar sobre as causas da indisciplina. Entendemos que é necessário identificar, principalmente, os pressupostos subjacentes às explicações geralmente manifestadas pelos educadores, que acabam por revelar, ainda que de maneira implícita, determinadas

visões sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo e, como decorrência, o papel desenvolvido pela escola.

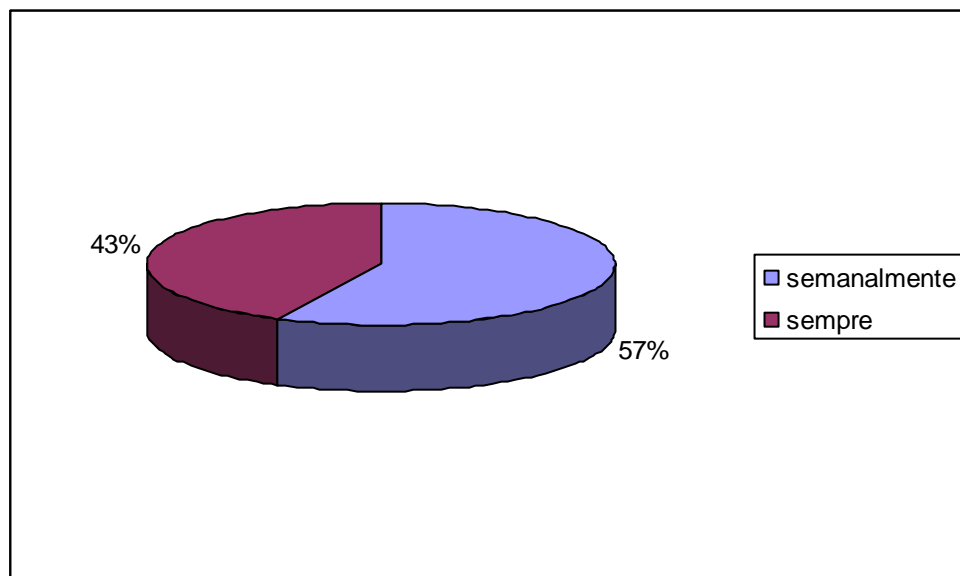
A orientação educacional, para o bom desempenho de suas funções, precisa relacionar-se de maneira positiva e construtiva com o diretor, professor, educando, família e comunidade.

Muito da eficiência ou ineficiência da orientação educacional vai depender desse relacionamento, uma vez que muito de suas energias poderá perder-se por desentendimentos ou antagonismo que poderão formar-se com quaisquer dos elementos apontados.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas a Professores Orientadores de escolas da rede municipal de Tunas-RS, indagando sobre sua atuação na função de Orientador Educacional principalmente no que diz respeito a alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries.

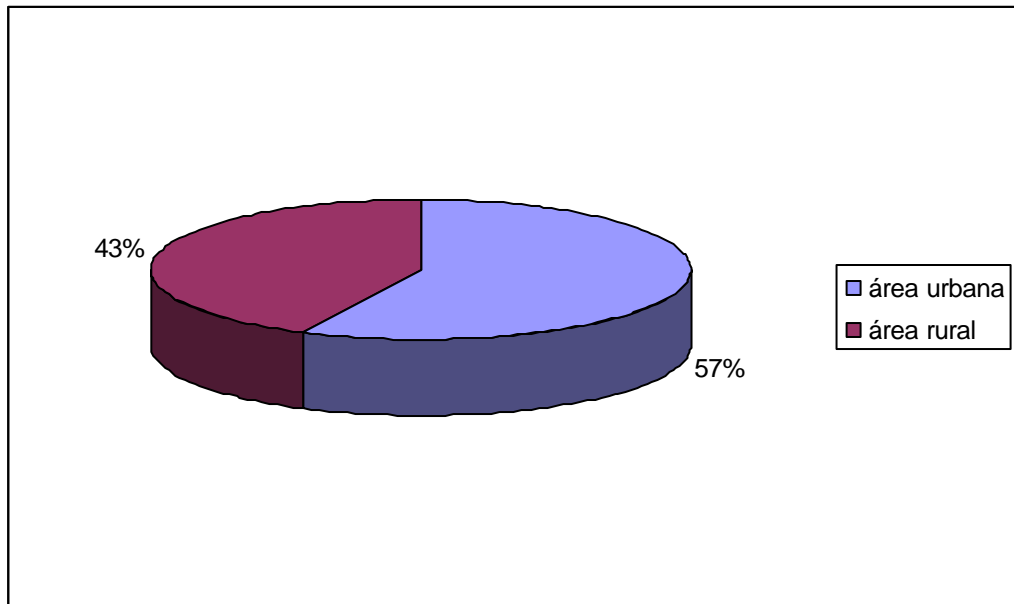
Sobre a frequência de atuação nas escolas, uma questão fechada com quatro alternativas, sendo elas: às vezes, quando necessário; semanalmente; mensalmente; sempre. As respostas às vezes e mensalmente não receberam respostas. A resposta semanalmente recebeu maior índice (57%), seguida da resposta sempre (43%).



**Figura 1 – Frequência de atuação dos orientadores em escolas**

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

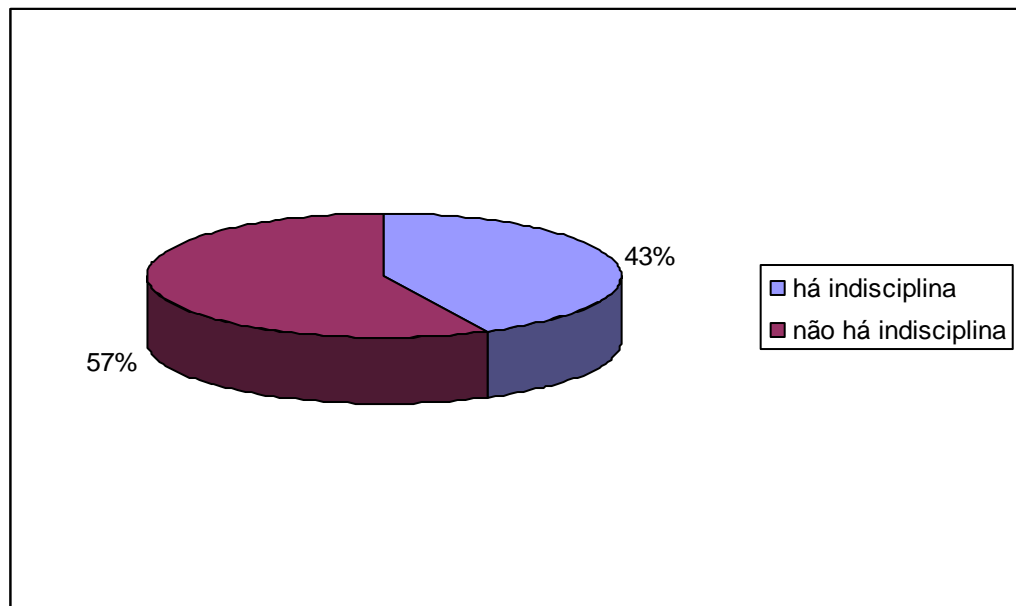
A localização da escola foi questionada como sendo da área rural ou da área urbana. 57% dos entrevistados responderam que suas escolas estão situadas na área urbana e 43% afirmou que suas escolas localizam-se na área rural.



**Figura 2 – Localização da escola**

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Foi questionado sobre a existência ou não de casos de indisciplina com escolares de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries na escola de atuação dos orientadores. 43% dos entrevistados afirmaram que há casos de indisciplina e 57% afirmaram que nas escolas onde atuam não há casos de indisciplina. Nas escolas onde há relato de casos de indisciplina, os casos mais freqüentes são as picuinhas entre os alunos, os apelidos, a competição para ver quem é o melhor e aparecer mais que os colegas, discussões entre colegas e às vezes com professores, fofocas, os namoros, as trocas de namorados (as), o que gera ciúme e é motivo de muitas brigas, desrespeito a professores e colegas.



**Figura 3 – Existência ou não de casos de indisciplina com escolares de 5ª a 8ª séries**

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

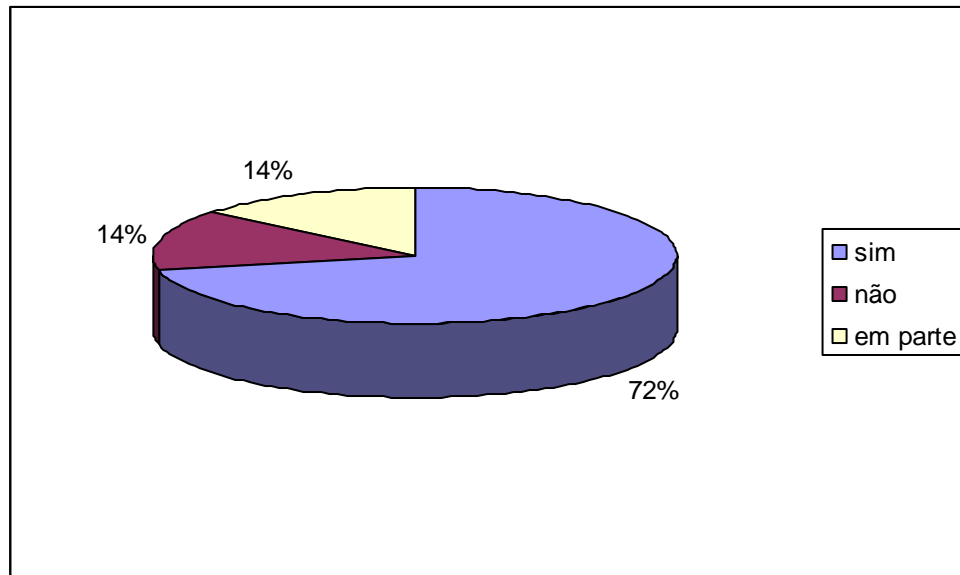
Para Santos (2009) a escola tem como um de seus maiores obstáculos as más condutas, como bagunças, falta de limites, maus comportamentos e desrespeito aos professores entre outros. Ultrapassando assim fronteiras culturais e econômicas. A ausência de cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como falta de preparo por parte dos professores para lidar com distúrbios em sala de aula, trás um contexto social onde a indisciplina se expressa.

Santos (2009, p.47) relata ainda que:

devemos lembrar que as escolas em meados de 1960, conseguiam fazer com que seus alunos se comportassem, pois a disciplina era imposta de forma autoritária, com ameaças e castigos .O medo levava a obediência e a subordinação por parte dos alunos ,eles não podiam se posicionar,questionar e refletir ,sobre quaisquer que fosse o assunto.Atualmente vivemos um outro contexto, onde influenciados por mudanças políticas ,sociais ,econômicas e culturais instituições escolares ,alunos e professores ,assumem um papel diferente na sociedade.Un aspecto importante nessa mudança é a escola estar mais aberta para a participação dos pais e da comunidade .

Foi questionado se o trabalho da orientação escolar é realizado de maneira conjunta com os docentes para que auxilie o processo ensino-aprendizagem dos alunos e 72% afirmaram que sim, através do diálogo com alunos e professores, e quando necessário com os pais. 14% afirmaram que em parte, pois muitas vezes

não conseguem conversar com todos os professores para procurarem soluções conjuntas para os problemas apresentados e 14% afirmaram que o trabalho da orientação escolar não é realizado de maneira conjunta com os docentes.

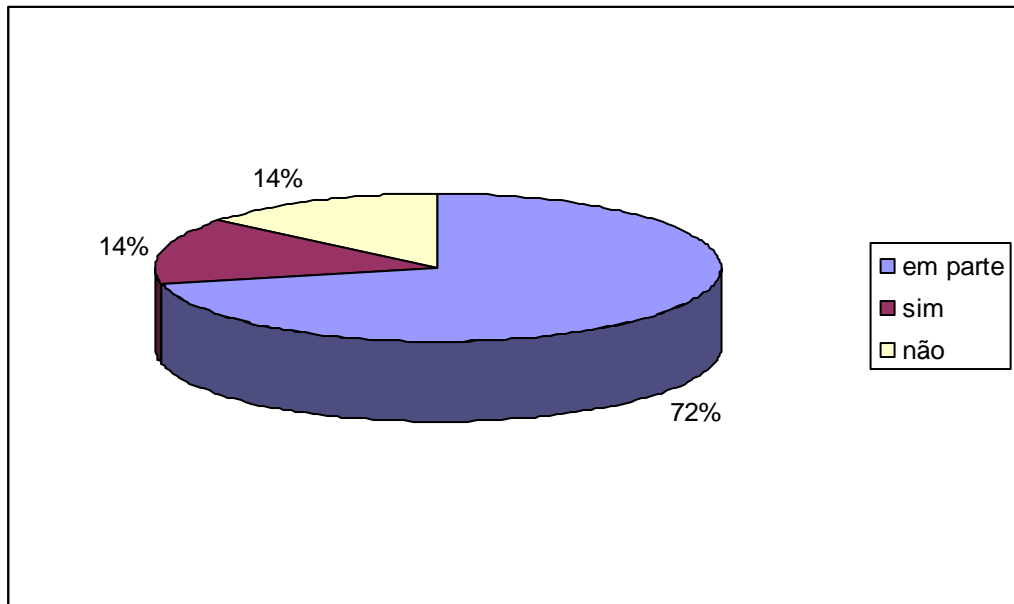


**Figura 4 – O trabalho da orientação escolar é realizado de maneira conjunta com os docentes para que auxilie o processo ensino-aprendizagem dos alunos**

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Santos (2009) observa que essa é uma atuação de suma importância, visto que trabalhará em comunhão aos professores, à coordenação, à direção, aos alunos e aos próprios pais. Esses alunos com problemas relacionados à indisciplina e ao processo pedagógico, têm a presença do orientador para estabelecer uma relação dialógica, pesquisando os fatores geradores desse processo indisciplinar, acompanhando e orientando-os para uma nova prática que garanta um futuro saudável.

E por último foram indagados sobre se na opinião dos orientadores, estão cumprindo o papel de orientação educacional nas escolas e 72% afirmaram que em parte, pois não atuam todos os dias na escola e é complicado atender as necessidades diárias da escola se não frequenta a escola diariamente. O trabalho cotidiano surte mais efeito. Em virtude da ausência do orientador, muitas vezes, esse papel é desenvolvido por professores e direção escolar. Isso acontece também nas escolas que não possuem orientador educacional.



**Figura 5 – Na opinião dos próprios orientadores, estão cumprindo o papel de orientação educacional nas escolas**

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Conforme Grinspun (2001), quando a escola trabalha as questões sociais, ela está exercendo o seu real papel pedagógico. Todo projeto político da escola deve estar em consonância com o avanço da própria sociedade. O trabalho do Orientador Educacional nessa dimensão é contínuo, dinâmico e permanente. Sua atuação na escola contribuirá para a aquisição do conhecimento a ser construído, oferecendo-lhe os meios necessários para tal atividade.

## 5 CONCLUSÕES

A geração de escolares atual tem apresentado, em muitas escolas, problemas em relação a limites, causando muitos conflitos em sala de aula entre professores e alunos e principalmente entre alunos. Talvez pela inversão dos papéis e valores que houve na sociedade, a responsabilidade em dar limites, educar e ensinar passou a ser compromisso somente da escola, como se os pais simplesmente se isentassem de suas responsabilidades e dando uma liberdade descompromissada a seus filhos. Podemos afirmar também que hoje os cidadãos do mundo globalizado têm acesso facilitado através da internet e outros canais de comunicação e essas informações nem sempre são filtradas e usadas da melhor forma possível, com ética e confiabilidade.

O orientador educacional passa a ter um papel de pai, psicólogo, conselheiro sentimental, sexual, orienta sobre cuidados com a higiene corporal, media situações de desentendimento que vão desde uma simples discussão até muitas vezes a agressões físicas. O orientador também faz relatórios para encaminhamento psicológico àqueles alunos que necessitam de ajuda especial, como por exemplo fonoaudiólogos, oftalmologistas, dentistas, entre outros profissionais que atuam em conjunto para o desenvolvimento integral do aluno.

Partindo destas perspectivas, pensar o papel da escola implica levar em consideração questões relevantes, principalmente sobre o papel da orientação escolar e suas ações frente ações e estratégias frente à indisciplina escolar, que é um dos principais problemas da escola contemporânea e um dos maiores problemas com que se confrontam os educadores. Entende-se que a questão da indisciplina deve ser evidenciada pelas instituições escolares de maneira muito particular, analisada com maior aprofundamento e entendido seu processo causador.

Sobre as questões referentes ao município de Tunas, observa-se que reforça-se a necessidade de interação da relação família/escola, de se construir uma relação entre escola e família, para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o aluno/filho tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola.



Para tanto, é importante que se desenvolvam princípios que possibilitem aos profissionais de educação, aos alunos e aos demais segmentos sociais, a compreensão deste assunto no cotidiano escolar, para que assim se realize a construção de uma sociedade mais harmônica e que saiba interagir com os demais no meio em que vive.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam . **Aprender a Conviver**. Brasília, 2004.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais**. Edições Loyla. São Paulo, 2009.
- BALESTRO, M. A trajetória e a prática da orientação educacional. **Revista Prospectiva** n. 28, 2004/2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil**. Brasiliense, SP, 1994.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GARCIA, Regina Leite. **Atravessando Fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo**. IN: *O sentido da Escola* Nilda Alves e Regina Leite Garcia (orgs.) – rio de janeiro: DP&A, p.81-110, 1999. (coleção o Sentido da Escola).
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos Sociais e educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GRINSPUN, Mirian P. S. Zippun (org) et al.,: **A prática dos Orientadores Educacionais**, 4. ed. São Paulo: Cortez , 2001.
- \_\_\_\_ **A prática dos orientadores educacionais**. São Paulo: Cortez, 1994.
- KNAPP, R. **Orientação Educacional na escola Primária**. Rio de Janeiro: Livro técnico, 1970.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S.; **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LÜCK, Heloisa. **A evolução da gestão educativa, a partir de mudanças paradigmáticas**. [www.crmariovocos.sp.gov.br](http://www.crmariovocos.sp.gov.br). São Paulo; 2002.
- MATTOS, M. G.; ROSSETTO Jr, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia em Educação Física: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação**. São Paulo: Phorte, 2004.
- MILET, R.M.L. Uma orientação que ultrapassa os muros da escola. **Revista Ande** n. 10, 1987
- MUSSEN, Paul Henry (Et al.). **Desenvolvimento e personalidade da criança**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 1995.

NÉRICI, Imídio Giuseppe. **Introdução à Orientação educacional**. São Paulo: Atlas, 1976.

PEREIRA, B.M. **Para uma escola sem violência**, 2002. Orientação Escolar: A Questão Da Indisciplina

SANTOS, Milena Queiroz Gonçalves. **Indisciplina: escola e instituição**. Disponível em: [www.profissionalizando.com](http://www.profissionalizando.com). Acessado em: 19/05/2011.

SILVA, Anita Maria Lins. **O bullying e a orientação educacional**. Disponível em: [portaldoprofessor.mec.gov.br](http://portaldoprofessor.mec.gov.br). Acessado em: 26\05\2011.

URBANETZ, Sandra Terezinha; SILVA, Simone Zampier. **Orientação e supervisão escolar: caminhos e perspectivas**. Curitiba: Ibpx, 2008.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### ENTREVISTA COM SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

1 Qual a sua opinião sobre a violência no ambiente escolar? Ela é realidade nesse município?

2 Nas escolas desse município, que tipo de agressão você já teve conhecimento?

3 Há registros de bullying na rede municipal de ensino?

4 Como você descreve o comportamento da maioria dos alunos?

5 Como o corpo formado por professores, psicólogos, pedagogos e demais trabalhadores está preparado para combater e lidar com essa prática nas escolas?

6 Existem estratégias de prevenção à prática de violência no meio escolar?

**ANEXO 2****QUESTIONÁRIO PARA ORIENTADORES ESCOLARES**

Escola:

Bairro:

Data:

1. Com que frequência você atua nesta escola?

( ) Às vezes, quando necessário    ( ) Semanalmente    ( ) Mensalmente    ( ) Sempre

2. Qual é a localização desta escola de atuação?

( ) Urbana    ( ) Rural

3. Nesta escola acontecem casos de indisciplina com escolares de 5ª a 8ª séries?

( ) Sim    ( ) Não

4. Se sim para questão anterior, quais são os casos mais frequentes?

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

5. Nesta escola, a orientação se preocupa em realizar ações preventivas para os atos indisciplinados?

( ) Sim    ( ) Não    ( ) Em parte

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

6. O trabalho da orientação escolar é realizado de maneira conjunta com os docentes para que auxilie o processo ensino-aprendizagem dos alunos?

( ) Sim    ( ) Não    ( ) Em parte

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

7. Em sua opinião, o orientador está cumprindo o seu devido papel de orientação educacional nas escolas?

( ) Sim    ( ) Não    ( ) Em parte

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

**BLOCO I**

Marque com um X o espaço correspondente

5º 6º 7º 8º Em que série estás? SEXO ( )F ( )M

Que idade tem? \_\_\_\_\_ anos.

**BLOCO II**

**2-Quantas vezes aconteceu de ficares só, porque os outros meninos ou meninas não quiseram brincar contigo?**

A- Nunca fiquei só

B- 1 ou duas vezes neste semestre

C- 1 vez esta semana

D- 2 ou mais vezes esta semana

**BLOCO III**

**3-Como te agrediram?**

Marque com um X os espaços de acordo com o que já te aconteceu.

A- Ninguém se meteu comigo B- Me bateram, me deram socos e pontapés ou chutes.

C- Me roubaram coisas

D- Me causaram medo.

E- Me disseram nomes feios. Disseram coisas de mim ou do meu corpo.

F- Falaram de mim, contaram segredos meus.

G- Não falaram comigo.

H- Me fizeram outras coisas. Que coisas foram estas? \_\_\_\_\_

**4-Quando é que te agrediram(lugar)?**

- A- Ninguém me agrediu  
 B- Nos corredores e nas escadas.  
 C- No recreio  
 D- Nas salas de aula.  
 E- Na cozinha / bar  
 F- Em outro lugar.Qual? \_\_\_\_\_

**5-De que série são os alunos que te agrediram?**

- A-Ninguém me agrediu  
 B- São da minha turma  
 C- Da minha série, mas de outra turma  
 D- São mais velhos  
 E- São mais novos

**6-Quem te agrediu?**

- A- Ninguém me agrediu  
 B- Um menino  
 C- Uma menina  
 D- Muitos meninos  
 E- Muitas meninas  
 F- Meninos e Meninas

**7-Quantas vezes te agrediram, na última semana de aula?**

- A- Nenhuma  
 B-Uma  
 C-Duas  
 D- Três ou mais

**8-Disseste aos teus pais que te agrediram na escola?**

- A- Ninguém me agrediu  
 B- Não contei  
 C- Contei

**9-Há colegas que te defendem quando os outros tentam te agredir?**

- A- Ninguém me agrediu  
 B- Ninguém me defendeu  
 C- 1 ou 2 colegas me defenderam  
 D- 3 ou mais colegas me defenderam



**10-O que fazes quando vês que estão agredindo algum colega da tua idade?**

A- Nada, não é comigo

B- Nada, mas acho que deveria ajudar

C- Tento ajudar como posso.Como?\_\_\_\_\_

**11-Quantos colegas da tua aula te agrediram?**

A- Nenhum

B- 2 ou 3 colegas

C- 1 colega

D- 4 ou mais colegas

#### **BLOCO IV**

Quantas vezes você agrediu, (bater, empurrar, puxar, dizer nomes, causar medo), alguém? **Ninguém saberá o que disseste.**

**12-Quantas vezes, na última semana, te reuniste com colegas para agredir alguém?**

A- Nunca

B-2 vezes

C- 1 vez

D- 5 ou mais vezes

**13-Quantos colegas da tua aula agrediram outros colegas? Conte contigo se és um dos que agrediu.**

A- Nenhum

B- 2 ou três colegas

C- 1 colega

D- 4 ou mais colegas

**14-Te juntas com outros para agredir um aluno de quem não gosta?**

A- Não

B- Não sei

C- Só se ele me irrita muito

D- Sim

**15-Em tua casa falaram contigo por teres agredido alguém?**

A- Não agredi ninguém

B- 1 vez esta semana

C- Não falaram

D- Sim, falaram